



## CONECTANDO CONHECIMENTO: GRUPO DE ESTUDO SOBRE AS POPULAÇÕES INDÍGENAS

CONNECTING KNOWLEDGE: STUDY GROUP ON INDIGENOUS POPULATIONS

Povh, J. A; Oliveira, L; Nery, G. M; Souza, G. S; Santos, M. D. C; Pereira, A. S; Souza, G. V; Amaral, J. M; Cardoso, L.G; Belchior, M.V.C; Ribeiro, N. D; Martins, R. C; Filho, P. L.

Universidade Federal de Uberlândia  
*petmsaude@gmail.com*

Artigo

51

### Resumo:

Esta atividade, desenvolvida remotamente pelo grupo PET Saúde Cultura e Saberes, teve como objetivo promover reflexões e trocas de saberes sobre as populações indígenas no contexto acadêmico. Buscou-se valorizar os conhecimentos dessas comunidades tradicionais e dar visibilidade às suas lutas atuais. Para isso, foram realizados encontros com o grupo PET Indígena: Ações em Saúde, da UFSCar, promovendo uma interação dialógica que permitiu a construção coletiva de conhecimentos sobre a identidade, os modos de vida e os desafios enfrentados pelos povos indígenas.

**Palavras-chave:** Populações indígenas; meio ambiente; direitos

### Abstract:


This activity, carried out remotely by the PET Health, Culture and Knowledge group, aimed to foster reflection and knowledge exchange about indigenous populations and their struggles within academic spaces. Through meetings with the PET INDÍGENA: Health Actions group at UFSCar, the initiative promoted dialogic interaction, enabling participants to better understand the identity, lifestyles, and daily challenges of these traditional communities.

**Keywords:** indigenous populations; environment; rights.

ISSN - 2965-0356



## 1. Introdução

 grupo PET Saúde, Cultura e Saberes têm como vertente de trabalho, interação e ações voltadas para as comunidades não urbanas, estudando melhor sobre as diferentes vivências e experiências que esses locais trazem consigo, culturalmente e socialmente, com isso saber mais sobre a população indígena faz-se pertinente neste espaço. Segundo Lira e Chaves (2016, p. 68) o espaço geográfico que se constitui a Amazônia possui uma diversidade étnica, em que o perfil do homem amazonense possui suas variações, na qual entre estes diferentes perfis encontramos as comunidades tradicionais destacadas pelas populações indígenas e ribeirinhas. Segundo o Censo do IBGE 2010, os povos indígenas somam 896.917 pessoas, onde 324.834 vivem em cidades e 572.083 vivem em zonas rurais, correspondendo a 0,47%, aproximadamente, da população total do país. Ainda segundo dados do IBGE disponíveis na FUNAI (2016), existem aproximadamente 305 etnias de povos indígenas no Brasil, preservando 274 línguas. Como expresso por Silva (2018), a condição dos povos indígenas no Brasil foi historicamente e socialmente desprezada, sendo tratada com muito preconceito e violência. Como mencionado nas falas de Lira e Chaves (2016, p. 72) as populações tradicionais possuem características únicas de se organizar que devem “[...] assim como o meio ambiente, os saberes das populações tradicionais também devem ser valorizados (LIRA e CHAVES, 2016, p. 76)”.

Partindo da importância de se conhecer essa comunidade e seus saberes, esta atividade vem com intuito de promover espaço para que os petianos se conectem com um grupo eixo matriz de criação deste PET Conexões e Saberes, no entanto vale ressaltar, como mencionado por Pojo et al. (2014, p. 2) os saberes populares desta população é uma forma de relacionar com o mundo a sua volta, assim, o grupo pretende se aprofundar deixando de lado uma visão colonizadora de impor o conhecimento científico a esta comunidade tradicional; assim gerando a expectativa de conhecer melhor seus saberes. Portanto, esta atividade tem suma importância partindo do plano concreto que nos encontramos, em que ocorre as ações contra as comunidades tradicionais tendo seus espaços de reproduções sociais usurpados, neste contexto se busca uma forma de entender melhor essa forma de sociabilidade e gerar o espaço de fala protagonismo e inclusão dessas populações.

Diante do exposto, esta atividade teve como objetivo promover entendimento sobre o grupo social, populações indígenas, e criar um espaço de protagonismo para os saberes dessa população, através do espaço de trocas de saberes entre o PET Saúde, Cultura e Saberes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o PET Indígena Ações em Saúde, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), além disso, criar um espaço de reflexão com a comunidade externa.

### 1.1 Metodologia

Esta atividade foi caracterizada como uma atividade de extensão pertencente a atividade de planejamento de 2022 denominada Grupo de Estudos: conhecendo as populações indígenas. Para o desenvolvimento desta ação, foram realizados quatro encontros durante os meses de julho e agosto, do ano de 2022, de forma remota, pela plataforma Google Meet. O propósito da atividade visou oportunizar um espaço de trocas de saberes, referente às histórias, culturas e lutas dos povos indígenas, promovendo assim, o protagonismo desta população, lugar que quem vive, através da parceria realizada com o PET INDÍGENA: Ações em Saúde, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Inicialmente, a atividade foi registrada no Sistema de Informação de Extensão e Cultura da UFU (SIEEX), sob registro N° 26507, após aprovação, os petianos foram divididos em comissões para realização do plano de trabalho proposto. O primeiro encontro teve como temática “O que são e quem são as populações indígenas?”; o segundo foi abordado “Saberes e meio ambiente”; no terceiro encontro foi discutido sobre “Presença indígena nas universidades”; por fim, no quarto e último encontro foi abordado “Saúde desta população destacando o contexto da pandemia”. É interessante destacar que os palestrantes dessa atividade foram os petianos do PET Indígena que são oriundos de comunidades indígenas.

## 1.2 Fundamentação teórica ou discussões

O desenvolvimento desta atividade proporcionou construir um entendimento sobre quem são os povos indígenas, seus meios de vida e os desafios que enfrentam diariamente, além de criar um espaço de protagonismo e a valorização dos saberes e a cultura dessas populações. Essa troca de conhecimento só foi possível em virtude da parceria com o PET Indígenas, que tem o lugar de fala na perspectiva de quem vive e compartilhou seus relatos de vivências e experiências com os participantes internos e externos da universidade.

Diante disso, no primeiro encontro que tratou sobre “O que são e quem são as populações indígenas?” os palestrantes fizeram uma breve apresentação do seu grupo PET explicando que todos os integrantes são de origem indígena, mas de povoados e etnias diferentes, ou seja, culturas e realidades diferentes. Além do mais, explicaram que uma das formas de manifestação cultural são as pinturas corporais, feitas normalmente com extratos naturais, como urucum e jenipapo, e relataram que essa expressa a identidade cultural de seus povos e varia conforme a comunidade e a idade do sujeito.

Em estudo sobre o grafismo indígena realizado por Ribeiro (2012, p. 15), aponta que a pintura corporal é considerada uma das principais características dos povos indígenas, visto que as formas geométricas têm vários sentidos e significados, que vão além da estética e vaidade, como por exemplo, diferenciação entre as tribos, divisão de hierarquia, sexo, idades, casados, solteiros e guerreiros. Nesse sentido, é importante compreender que o grafismo é uma linguagem visual utilizada pelos povos indígenas e por isso deve ser respeitada.

No segundo encontro os palestrantes discutiram sobre os “Saberes e meio ambiente”, no qual associaram o conhecimento tradicional dos povos indígenas que se propagou ao longo do tempo, de gerações em gerações, para o entendimento sobre a técnica de utilizar os recursos naturais como forma de manejo sustentável. Os autores Oliveira e Silva (2015, p. 167) comentam que essas formas de manejo perpassam as gerações “[...] mantém a estabilidade e a preservação dos ecossistemas, colaborando com a conservação ambiental [...]”. Dessa forma, vivem em harmonia com o meio ambiente.

Em um momento de significativa importância ecológica para nosso planeta, a cultura dos povos indígenas se prevalece como uma fonte essencial de saberes e práticas. Torna-se imperativo reavaliarmos nossa conduta quanto ao meio ambiente e sustentabilidade, garantindo um futuro viável para as futuras gerações. A sabedoria ancestral indígena, focada no respeito e na manutenção do meio ambiente sem depleção de seus recursos, é crucial nessa jornada de aprendizagem e mudança. Como menciona o líder indígena Ailton Krenak em entrevista (20 IDEIAS, 2012, s.p.):

“A terra é nossa mãe”. Essa é uma expressão correta que qualquer pessoa concorda com ela. Só que tem muita gente alugando a mãe, vendendo a mãe, esquartejando a mãe. [...] Esse saque da mãe natureza precisa ser equilibrado

O que mais me inspira em insistir com a ideia do ser humano estar envolvido no seu viver aqui na Terra é aquele mandamento que o pensamento indígena que diz que nós devemos andar aqui na Terra pisando suavemente, como um pássaro que passa voando no céu e você olha depois e ele não deixa rastro. Se o ser humano deixa rastro aqui na Terra, ele não é sustentável.

[...] pensar onde você está no mundo, no planeta: agir localmente, pensar globalmente. Então é difícil para a maioria das pessoas conseguir manter essa consciência de que o que nós fazemos aqui no lugar onde nós estamos impacta o resto do planeta em que nós vivemos.

Os saberes do conhecimento tradicional das comunidades indígenas foram extremamente prejudicados pelo apagamento dos indígenas da região Nordeste na história. Diante disso os integrantes do grupo PET Indígena percorreram “Na atualidade encontramos grandes dificuldades para realizamos pesquisas devido à escassez de fontes e documentos. Muitos registros foram destruídos, nos restando apenas o conhecimento passado de geração e geração”

Oliveira (1998) ressalta que até o final do século XIX, a presença indígena no Nordeste era pouco reconhecida. Isso se devia, em parte, à percepção de que os indígenas da região, considerados “índios misturados”, não exibiam mais os tradicionais “traços culturais indígenas”, como características físicas e biológicas específicas, uso de línguas indígenas, ou a prática de tradições e rituais característicos. Este fenômeno de invisibilidade dos povos indígenas resultou de um extenso processo de assimilação cultural, influenciado principalmente por três fatores: primeiramente, pela atuação dos missionários jesuítas com seus aldeamentos e trabalhos catequéticos, que datam do século XVII ao início do XVIII e incluíam esforços para disciplinar os indígenas para o trabalho; em segundo lugar, pelas políticas indigenistas que promoviam casamentos interétnicos; e, finalmente, pela Lei de Terras de 1850, que despojou muitos indígenas de suas terras, forçando-os a ocultar suas características culturais como estratégia de sobrevivência.

Nesse sentido, a tradição oral se é responsável por manter viva toda uma história comunitária, assim como as expressões e os traços da cultura indígena, uma vez que:

[...] a tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Ficando evidente que as histórias e relatos dos mais idosos na comunidade entrelaçam o saber e a memória coletiva, atuando como portadores de um legado oral que carrega a essência vibrante de sua gente, suas tradições, cultura e percepções do mundo.

Assim, ao decorrer da discussão deram exemplos da importância da utilização dos recursos naturais no cotidiano para o modo de viver em algumas comunidades indígenas, por exemplo os Pankararus, que usam a planta Caroá, espécie botânica *Billbergia variegata* (Arruda) Schult. f., para confecção das vestimentas e artesanatos, enquanto os Baniwa, usufruem da planta do Arumã, espécie botânica *Ischnosiphon polyphyllus* (Poepp. & Endl.) Körn., para fazer cestas e o povoado Baré, utilizam da planta raiz de açaí, espécie botânica *Euterpe oleracea* Mart., como chá para fins medicinais.

Por fim, os petianos oriundos de comunidades indígenas, ressaltaram que as plantas medicinais que estão sendo comercializadas, não surgiram do nada, muitas delas tornaram-se conhecidas através dos saberes e técnicas dos povos indígenas e quando os profissionais da saúde chegam nas

comunidades como “dono do conhecimento”, acabam desvalorizando e desrespeitando os saberes tradicionais destes povos.

Dando continuidade, durante o terceiro encontro foi abordado sobre “Presença indígena nas universidades”. Segundo Baniwa e Hoffmann (2010, p. 7) o desejo dos povos indígenas de ingressar no ensino superior está relacionado com as condições de vida desfavoráveis e a concepção de marginalização desses povos, nesse sentido, a educação torna-se uma “[...] ferramenta para promover suas próprias propostas de desenvolvimento, [...] e intervenção dentro e fora de suas comunidades [...]” (BANIWA; HOFFMANN, 2010, p. 8).

Mas a presença e a permanência indígena nas universidades ainda é um desafio, pois os petianos relataram que enfrentam dificuldades socioeconômicas, linguística, cultural e a generalização das identidades indígenas, desrespeitando a peculiaridade de cada comunidade. E dessa forma o processo de aprendizado fica dificultoso e retorno para seus povos com a perspectiva de intervenção para melhorar a concepção se tornar inacessível.

No Brasil temos políticas públicas que buscam garantir a presença do indígena no ensino superior, sendo a lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012), que assegura no mínimo 50% das vagas para os candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas. Além disso, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a UFSCar promovem e realizam exames voltados apenas para candidatos que pertencem a uma das etnias indígenas, com o intuito de oportunizar o ingresso destes grupos sociais nas universidades. No entanto, sabemos que é necessário o aperfeiçoamento das políticas públicas que trata sobre cotas de modo que supere essa desigualdade social, pois ainda o cenário do ensino superior é muito excludente.

O último encontro tratou sobre “Saúde desta população destacando o contexto da pandemia”, na qual comentaram que durante a pandemia os profissionais da saúde que iam atender as pessoas infectadas com Covid-19 geravam um desafio na comunicação, devido aos mesmos não saberem falar na língua dos indígenas, além disso, ressaltaram sobre adoecimento mental da população, devido terem costumes de sempre conviver no coletivo e com pandemia tiveram que se isolar.

Tendo em vista, na fase mais intensa da pandemia, os povos indígenas foram impedidos de realizar seus rituais tradicionais devido às medidas de distanciamento social. Esses rituais são culturalmente significativos, mas tiveram que ser abandonados, assim como outras práticas sociais. Essas comunidades enfrentaram a incerteza causada pela nova doença, mudanças em suas estruturas sociais, a inadequação das respostas políticas e o luto pelo falecimento de membros de suas comunidades, semelhante ao que ocorreu com o restante da população brasileira (Matta et al., 2021; Santos; Pontes; Coimbra Jr., 2020). Segundo El Kadri et al. (2021, p. 25),

[...] se tais agravos já existiam entre os povos indígenas, a pandemia do novo coronavírus, além de intensificar tais fenômenos no contexto de muitas aldeias, também instituiu novas formas de sofrimento psíquico no âmbito das comunidades já traumatizadas pelo violento processo de colonização a que foram submetidas.

Mesmo com os esforços dos movimentos sociais indígenas no Brasil e em outras nações latino-americanas, os povos indígenas continuam a enfrentar uma série de desafios. Estes incluem condições de vida inadequadas em termos de habitação e saneamento, conflitos violentos devido à invasão de seus territórios, discriminação social, entre outros problemas. Tais situações impactam não apenas a saúde física, mas também a saúde mental desses indivíduos" (Oliveira et al., 2020; Santos; Pontes; Coimbra Jr., 2020). Por fim, a atividade foi de extrema importância, tendo em vista que oportunizou o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo a respeito dos desafios



que os povos indígenas enfrentam na contemporaneidade, em que tentam cada vez mais, acabar com os modos de vida, os saberes e a cultura deles. Além disso, foi possível perceber a dificuldade que esta população tem em relação ao acesso à saúde e educação, em virtude do nosso país ser desigual. Assim, a troca de saberes que aconteceu entre os participantes e os palestrantes contribuiu para uma sensibilização social, já que esta atividade é um instrumento de comunicação entre a universidade, os participantes e a população indígena, mesmo que de forma remota.

## 2 Considerações finais

Após a atividade, foi possível refletir que temos um Brasil plural, sem uma identidade nacional única, e neste sentido, a luta dos povos indígenas continua sendo exigir respeito à sua identidade e a sua forma de vida. A sua cultura é revelada através da religião, música, dança, artesanato, comida, na língua falada por cada uma das etnias, na forma de organização social, que é coletiva. Para isso, é preciso reconhecer o território desses povos e a preservação deles.

A conexão PET Saúde, Cultura e Saberes com o PET Indígena Ações em Saúde possibilitou e incentivou o intercâmbio de múltiplos conhecimentos, formas de viver e de pensar o mundo no ambiente acadêmico. Sistematizando assim os horizontes dos estudantes e formando pessoas mais sensibilizadas de seu papel cidadão e menos intolerantes com a diversidade. Os estudantes indígenas puderam atuar dentro e fora de suas comunidades, sendo agentes divulgadores de culturas tão ímpares, garantindo a educação, memória e cidadania.

Além disso, na contemporaneidade, os jovens oriundos de comunidades indígenas têm o anseio do ingresso nas universidades para que possam construir conhecimentos e habilidades que são essenciais para a sobrevivência dos povos indígenas. Foi possível entender, através das falas, que os petianos, tem saudades e se sentem totalmente deslocados nos espaços públicos. Sendo necessário um olhar para a inclusão destes no ambiente universitário. Esta atividade foi avaliada pelos participantes por meio de um formulário online, tivemos um retorno positivo das 33 pessoas que se inscreveram e se mantiveram ativas no Grupo de estudo.

## Referências

BANIWA, L. G.; HOFFMANN, M. B. Introdução. In: LUCIANO, G. J. S.; OLIVEIRA, J. C.; HOFFMANN, M. B. **Olhares Indígenas Contemporâneos. Brasília: Centro Indígena de Estudos e Pesquisas, 2010.** Disponível em 0288a40b62175acd07c7184e5b496ff5\_Zxj5VmG. Acesso em: 30 de junho de 2023.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.

FUNAI. **Relatório de Gestão do Exercício de 2016.** Editora da FUNAI, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/aceso-a-informacao/auditorias/relatoriogestao2016.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

LIRA, M. T.; CHAVES, M. P. S. R. **Comunidades Ribeirinha na Amazonia: organização sociocultural e política.** Interações, v. 17, n. 1, p. 66-76, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/1518-70122016107>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

OLIVEIRA, E. G. S.; SILVA, E. H. **Os Usos dos Recursos Naturais pelos Indígenas Pankará na Serra do Arapuá (Carnaubeira da Penha/PE)**. Journal of Social, Technological and Environmental Science Disponível, v. 4, n. 3, p. 155-174, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2015v4i3.p155-174>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

POJO, E. C.; ELIAS, L. G. D.; VILHENA, M. N. **As águas e os Ribeirinhos - beirando sua cultura e margeando seus saberes**. Margens, v. 8, n. 11, p. 1-23, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v8i11.3249>. Acesso em 01 de junho de 2023.

RIBEIRO, M. M. **Grafismo Indígena: influência grafismo corporal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Artes Visuais) – Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: Downloads/2012\_MaristelaMariaRibeiro.pdf. Acesso em: 07 de julho de 2023.

SILVA, E. C. A. **Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira**. Serviço Social & Sociedade, n. 133, p. 480-500, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.155>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

OLIVEIRA, J. P. F. **Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mono, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998. DOI: 10.1590/S0104-93131998000100003.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva**. In: Ki-Zerbo, J. **História geral da África: I – metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

57

OLIVEIRA, Roberta Gondim et al. **Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural**. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, 2020.

MATTA, Gustavo Corrêa et al. **Os Impactos Sociais da COVID-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2021.

**20 IDEIAS para girar o mundo**. Ailton Krenak. 9 jul. 2012. [online]  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f48HAu0bNPc>. Acesso em: 8 Out. 2021.

Recebido em: 12/03 Aceito em: 20/04/2025